



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 26/08/2016

<b>GLOBAL</b> .....	<b>2</b>
Rabobank: Carnes bovinas liderarán el crecimiento del Mercado mundial .....	2
<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Mercado más firme ante reticencia de los productores .....	2
Cepea: Disparidad de valores altera el mercado ganadero.....	2
Brasil aumenta los embarques hacia los países árabes.....	2
ABIEC: realizó actividad de promoción en EGIPTO .....	3
Se está realizando auditoría de Egipto para renovar y habilitar establecimientos.....	3
Exportaciones de carnes bovinas se recuperarán luego de la caída registrada en julio.....	4
Brasil capitaliza la mayor demanda de CHINA.....	4
<b>URUGUAY</b> .....	<b>5</b>
Caída de precios alimenta polémica sobre el dressing .....	5
Vuelven fricciones entre ganaderos e industria.....	5
Aguerre reiteró que no decretará venta de haciendas en tercera balanza .....	6
El ministro Aguerre planteará topear el dressing en frigoríficos .....	7
La faena es alta y frigoríficos presionan precios hacia abajo .....	7
Carne Angus busca crecer más dentro de la Cuota 481 Uno de cada cuatro novillos que aporta al cupo es uruguayo. ....	8
Empresas exportadoras de ganado en pie han comprado cerca de 80.000 cabezas .....	9
Turquía paga US\$ 0,50 menos por kilo de ternero en pie .....	9
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>10</b>
Paraguay: ajustados valores retraen los envíos de carne bovina a Rusia.....	10
Carne paraguaya en hoteles y restaurantes de Suiza.....	10
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>10</b>
Panel de la OMC falló a favor de la UE en su queja por las trabas de RUSIA a las importaciones de porcinos y carnes porcinas.....	10
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>11</b>
Feedlots: ventas de ganado gordo en EEUU marcaron mínimo de al menos 20 años.....	11
Rabobank: el aumento en el consumo de carnes es el más elevado desde los años `70 .....	11
<b>AUSTRALIA</b> .....	<b>12</b>
Leve descenso de los vacunos encerrados.....	12
Descenso interanual de la faena en Australia .....	12
Aumenta el peso medio de faena en 5 kg por cabeza.....	12
Exportaciones en 2015/16 retrocedieron en valor pese a su volumen record .....	13
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>13</b>
Fuerte reducción de los beneficios de BRF durante el segundo trimestre de 2016.....	13
Carrefour lanzó en Brasil una plataforma para control de la procedencia de la hacienda .....	14



## **GLOBAL**

### **Rabobank: Carnes bovinas liderarán el crecimiento del Mercado mundial**

25 August 2016 ANALYSIS - Expect ups and downs for beef, pork and poultry industries over the next few years, but production growth will be led by beef, according to a new report from Rabobank.

#### **Beef**

The leader in production growth over the next few years is likely to be beef. Starting in 2016, herd rebuilding finally started to drive increased beef production but will accelerate into 2018 and 2019.

Heifer retention and cow herd expansion during the last few years will lead to a 4 per cent increase in beef production by 2017. With the favourable price environment, beef production growth is expected to continue through 2020 but at variable rates.

Rabobank expects US beef trade opportunities for exports and imports to be mixed.

A flood of Australian beef trimmings entering the market have doubled in the last two years amid drought conditions in Australia.

With Australia reaching a trough in its cattle herd and its beginning efforts to restock, Australian beef exports will decline by double digits in the available lean beef supply in the US, as well as drive export opportunities, most notably to Southeast Asian markets.

Q1 2016 US beef exports to Vietnam, South Korea, Taiwan and Hong Kong are all up by double digits and expected to continue.

A new source of competition, for both international market share and domestic consumption, is South America - mainly Brazil and Argentina. Both are approved for US export but are held up by a lack of approved plants and available quota.

It's only a matter of time before South American beef finds its way onto the US market, becoming a serious competitor to domestic production.

## **BRASIL**

### **Mercado más firme ante reticencia de los productores**

Sexta-feira, 26 de agosto de 2016 - Após as quedas observadas na maioria das regiões pesquisadas pela Scot Consultoria, o mercado do boi gordo começa a retomar a firmeza nos preços ofertados pela arroba.

A dificuldade na compra de boiadas e a melhora das margens de comercialização das indústrias têm colaborado com este cenário.

As programações de abate pouco evoluíram nos últimos dias e, em São Paulo, atendem em torno de cinco dias. Vale ressaltar que parte das indústrias está pulando dias de abate e com a ociosidade alta.

Os frigoríficos de maior porte, que possuem parcerias e contratos de boi a termo, conseguem manter as escalas de abate mais alongadas.

No mercado atacadista de carne com osso, a oferta limitada permite que as indústrias mantenham os preços firmes. O boi casado de animais castrados ficou cotado em R\$8,73/kg (25/8).

### **Cepea: Disparidad de valores altera el mercado ganadero**

25/08/16 - por Equipe BeefPoint

Após quase atingir R\$ 160 em abril, o Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa vem oscilando e começou a perder força neste segundo semestre. Na terça-feira, 23, o Indicador caiu para um dos menores patamares do ano: R\$ 147,85 por arroba, recuperando-se já na quarta, 24, quando fechou a R\$ 150,00.

Ainda que o movimento em agosto seja de baixa, observa-se uma grande variação entre os valores negociados, refletindo as diferentes características dos negócios e das condições dos operadores.

Segundo pesquisadores do Cepea, a pressão sobre as cotações da arroba vem, dentre outros fatores, das escalas de abate já preenchidas com animais adquiridos antecipadamente e das condições pouco favoráveis da engorda fora do confinamento. Não tem sido incomum, no entanto, que negócios ocorram a valores consideravelmente acima da média, nestes casos, devido ao tamanho do lote ou da especificação do produto.

No correr de agosto, especificamente, o Cepea verifica que muitos operadores têm participado pontualmente do mercado, o que resulta em maior variabilidade da amostra e, conseqüentemente, em oscilações do Indicador.

### **Brasil aumenta los embarques hacia los países árabes**

Exportações à região somaram US\$ 97 milhões em julho, um aumento de 14% sobre o mesmo mês de 2015. No acumulado do ano, as receitas dos embarques cresceram 10%



As exportações brasileiras de carne bovina aos países árabes somaram US\$ 96,73 milhões em julho, um aumento de 13,77% em relação ao mesmo mês do ano passado, de acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) compilados pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira. Destaque para a Arábia Saudita, que importou o equivalente a US\$ 10 milhões e já ocupa o segundo lugar entre os mercados árabes e o 10º entre os destinos globais das exportações brasileiras do produto, segundo números divulgados nesta quarta-feira (10) pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec). O país voltou a comprar carne do Brasil recentemente, após um embargo de três anos.

Cresceram também os embarques ao Líbano, Argélia, Jordânia, Líbia e Catar.

No caso do Egito, principal mercado do Brasil entre os árabes e o segundo no mundo, as exportações avançaram 8% em volume em julho, sobre o mesmo mês de 2015, para 18,3 mil toneladas. As receitas com as vendas, porém, recuaram 3,21% na mesma comparação e ficaram em US\$ 57,8 milhões.

No total, o Brasil exportou US\$ 423 milhões em carne em julho, o equivalente a 109,4 mil toneladas, segundo a Abiec.

No acumulado de janeiro a julho, as exportações de carne bovina ao mundo árabe somaram quase US\$ 660 milhões, um crescimento próximo a 10% em relação ao mesmo período do ano passado.

O Egito comprou o equivalente a US\$ 399 milhões, um aumento de 8% sobre os sete primeiros meses de 2015. Neste caso, o mercado egípcio ficou em terceiro lugar entre os destinos globais do produto brasileiro, atrás de Hong Kong e da União Europeia.

A Arábia Saudita aparece mais uma vez em 10º entre os mercados mundiais, com importações de quase US\$ 67 milhões. Vale lembrar que o país do Golfo não importou carne do Brasil de janeiro a julho do ano passado.

Outras nações árabes que ampliaram suas compras no acumulado do ano foram Catar, Omã e Ilhas Comores.

O Brasil embarcou no total 845 mil toneladas de carne nos sete primeiros meses de 2016, um avanço de 10% em relação ao mesmo período do ano passado. As receitas somaram US\$ 3,3 bilhões, um recuo de 1% na mesma comparação, de acordo com a Abiec.

#### **ABIEC: realizou actividad de promoción en EGIPTO**

O evento contou com a presença de representantes das mais importantes empresas importadoras de carne bovina brasileira do Egito, além de exportadores e autoridades egípcias e brasileiras.

Um churrasco tipicamente brasileiro reuniu mais de 150 pessoas no The Nile Ritz-Carlton, no Cairo (Egito), no último dia 22 de agosto. O evento, organizado pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC), em parceria com a Embaixada do Brasil no Cairo, contou com a presença de representantes das mais importantes empresas importadoras de carne bovina brasileira do Egito, além de exportadores e autoridades egípcias e brasileiras.

O Egito é um dos principais mercados para a carne bovina brasileira. Somente no mês de julho/2016, o Egito foi o segundo país que mais importou o produto nacional (atrás apenas de Hong Kong), com 19,3 mil toneladas embarcadas, gerando um faturamento de US\$ 57 milhões nas exportações. No acumulado do ano (janeiro a julho de 2016), o Egito aparece em terceiro lugar no ranking dos maiores importadores, com 129 mil toneladas exportadas, um crescimento de 18% em volume, se comparado com o mesmo período do ano anterior. Com relação ao faturamento, o crescimento é de 8%, de janeiro a julho, com US\$ 399 milhões.

#### **Se está realizando auditoría de Egipto para renovar y habilitar establecimientos.**

26/08/16 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura do Egito enviou dois veterinários ao Brasil para fazer a habilitação de novos frigoríficos e renovar a habilitação de unidades que já exportam carne bovina ao país árabe. Os profissionais começaram a trabalhar esta semana e ficam por aqui até o final de setembro.

Ahmed Abdul Moaty e Abu El Hassam Mahmoud El Aziz irão visitar 24 frigoríficos nos estados do Mato Grosso, Pará, Goiás, São Paulo, Acre, Amapá, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Nesta quarta-feira (24), os veterinários anunciaram a aprovação das instalações do Frigorífico Santo Afonso do Acre (Frisacre) para exportar ao Egito. A expectativa é que a empresa comece a vender carne ao país árabe a partir de outubro.

O Egito costuma mandar duas ou até mais missões por ano ao Brasil para novas habilitações e renovações de habilitação nos frigoríficos nacionais. Atualmente, o Brasil tem 132 plantas habilitadas para exportar carne bovina ao Egito.

Segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), o Egito ficou na segunda posição entre os principais importadores de carne bovina do Brasil no mês passado, com compras de US\$ 57,8 milhões. No acumulado de janeiro a julho, o país está na terceira colocação, com US\$ 399 milhões em aquisições.



## **Exportaciones de carnes bovinas se recuperarán luego de la caída registrada en julio**

Fonte: Portal DBO 19 de agosto de 2016 | Segundo Abiec, queda no volume de embarques de julho já era esperado e não deve afetar desempenho no restante do ano

Após iniciarem o ano em alta, as exportações de carne bovina do Brasil enfrentaram um difícil cenário no mês de julho em função da queda do dólar frente ao real. Os embarques recuaram 3% em volume e 16% em faturamento em relação a igual período do ano passado.

Embora os números possam gerar apreensão, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) afirma que o recuo já era esperado "Existe uma pressão muito grande do mercado externo e nós seguramos as vendas para forçar a subida do preço médio. Esperamos recuperar o faturamento nos próximos meses", afirma Fernando Sampaio, diretor-executivo da Abiec.

Um dos principais destinos da carne brasileira, a China, tem travado uma queda de braço com os exportadores desde meados de maio, quando o preço médio pago pelo produto brasileiro recuou 15% em relação ao primeiro embarque feito em agosto de 2015.

"Eles reduziram suas compras quando estavam com os estoques cheios. Quando eles precisarem de carne, voltarão a comprar do Brasil e nós negociaremos por um preço que seja compensador", conclui Sampaio, reforçando que as exportações do segundo semestre, tradicionalmente, são maiores do que do primeiro.

De janeiro a julho deste ano, o Brasil exportou 845.000 toneladas de carne bovina in natura, alta de 10% em relação ao volume do mesmo período no ano passado. Em faturamento, as vendas alcançaram US\$ 3,3 bilhões, queda de 1% se comparado aos sete primeiros meses de 2015.

Até o fim do ano, a Abiec espera retomar os números de 2014, quando as exportações alcançaram 1,5 milhão de toneladas, gerando a receita de US\$ 7,2 bilhões.

## **Brasil capitaliza la mayor demanda de CHINA**

Chinese consumers are eating more beef than the country can produce, and that's led to a sales bonanza for exporters in Brazil.

About a year after recovering from a mad-cow scare, Brazil has supplanted Australia as the biggest seller of beef to China, where a production deficit is widening and imports are heading for a record. Brazil's ample supplies and low prices helped companies including JBS SA, Minerva SA and Marfrig Global Foods SA to boost exports to China by 65 percent in the first half of the year.

While the Chinese eat far more pork than any other meat, consumption per-capita is falling while beef demand rises. Only the U.S. imports more beef than China, where rapid growth over the past decade created the world's second-largest economy and an expanding middle class that can afford more protein in their diets. At the same time, Brazil has plenty of surplus beef, as domestic demand stagnates, and the country's exports are appealing to buyers after its currency plunged last year.

"China will have a major impact on the beef trade," said Miguel Gularte, head of JBS's Mercosul beef unit. "It's a fantastic market for Brazil" because the Asian country has "hundreds of millions of people moving to consume red meat," he said.

Per-capita consumption of beef in China will reach a record 3.864 kilograms (8.5 pounds) this year, compared with 3.029 kilos a decade ago, according to estimates by the Organization for Economic Co-Operation and Development. But production hasn't kept pace, so imports this year will jump 22 percent to 1.225 million metric tons, including purchases by Hong Kong, U.S. Department of Agriculture data show. That's an almost fourfold increase from 2012, and imports now account for 36 percent of demand, up from 25 percent last year.

Australia had been China's top foreign supplier, but its output declined. That created an opportunity for Brazil, where a 33 percent plunge in its currency last year because of a recession and political scandal made its exports more appealing to buyers. Shipments to China and Hong Kong in the first six months of this year were a combined 265,800 tons, up from 161,000 tons a year earlier, industry data show. Total exports to all countries rose 12 percent to 736,000 tons.

"There's a lot of tailwinds for the Brazilian industry at this moment," Justin Sherrard, an animal-protein global strategist at Rabobank, said in a telephone interview from Utrecht, Netherlands.

Brazil almost missed out. A single positive test for mad-cow disease in 2012 led to import bans by China and other countries, including South Korea and Japan. The case was considered a "negligible risk," based on criteria established by the World Organization for Animal Health, because the animal never made it into the food chain. That meant a quicker path to lifting the ban, which China did in May 2015.

While some forms of Brazilian meat are still restricted, like organs or boned meat, China now permits most common meat cuts including steaks and ground beef, though most of the purchases are the low-end cuts used in processed meat products. With most of the so-called premium markets including Japan and South Korea still closed to Brazilian beef, most of the country's shipments of prime cuts like steaks end up in Europe.



"China is emerging as the first alternative to Europe for Brazil's premium beef," Antonio Camardelli, head of Brazil's beef industry group, Abiec, said in a telephone interview from Sao Paulo. "There's still a lot of room to increase exports of gourmet beef to China."

There are signs that demand will slow from China buyers who are "pressuring prices down," Mercosul's Gularte said. Still, Brazilian shipments to China this year will be twice what they were in 2015, he said.

Asia represented 26 percent of exports for Minerva in the year ended in March, making it the main destination for Sao Paulo-based company's exports. That's up from 18 percent a year before.

"There are consumers that are willing to pay a premium for having a differential," Fernando Galletti Queiroz, chief executive officer of Minerva SA, said in an interview in Sao Paulo. "The price gap to Europe is shrinking."

## URUGUAY

### Caída de precios alimenta polémica sobre el dressing

Agosto 26, La faena de vacunos siguió siendo alta, con el ingreso de ganados de corrales de engorde. El precio del ganado gordo siguió presionado a la baja en esta semana con un elemento de contexto interesante agregado por la intención del gobierno de poner un tope al dressing o limpieza de la res que realiza la industria.

De concretarse la medida sería un cambio importante y podría marcar un episodio significativo en una relación entre industria y productores que nunca ha sido fácil pero que se vuelve más difícil en un momento de baja de precios y de descenso también del dólar.

A los precios que propone la industria se concretan pocos negocios. Los productores suelen optar por esperar una recuperación de valores, dadas las buenas condiciones forrajeras. Las buenas condiciones climáticas y mejor disponibilidad de pasto dan margen a los productores pero también pueden generar un empuje de oferta en la segunda quincena de setiembre.

Para el novillo gordo se ofrece US\$ 3,05 hasta US\$ 3,08, y excepcionalmente US\$ 3,10 como valor de punta. En el caso de la vaca gorda el precio ofrecido es US\$ 2,80. Para vaquillonas, US\$ 2,98.

Hay poca oferta de ganado de campo, pero crece la oferta de ganados de praderas y verdeos. Los negocios se concretan generalmente en caso de que el productor tenga que afrontar obligaciones de corto plazo. "Estamos en una pulseada que dependerá del clima y la oferta forrajera", señaló un operador.

"En el mediano y largo plazo el nivel de faena no es sostenible", estimó. "No hay cifra de stock de ganado en los corrales, pero a medida que se termine, sumado a plantas que cierran y otras que bajan los días de operativa semanal, repercutirá en la faena", agregó.

Las entradas a planta son largas –entre 10 a 12 días– y pocos negocios cerrados.

La baja del gordo influyó en la relación flaco/gordo, que subió 0,8% con respecto a la semana anterior al alcanzar a 1,221.

En el mercado del ganado gordo seguramente incide la salida de los feedlots que parece notarse en la persistencia de niveles altos de faena que no conciben con la escasa operativa que se concreta. Nuevamente la semana pasada superó los 40 mil vacunos y la marca de igual semana del año pasado. Bajó levemente de 44.075 a 43.618 cabezas, pero fue mayor a la del año pasado (42.405).

Por otro lado, la faena de novillos se mantiene especialmente alta, en 23.001 animales frente a 22.997 de la semana anterior –o sea casi idéntica– y 22.250 faenados en igual semana de 2015. Bastante acentuado es el descenso en la faena de vacas, que sumó 19.935 cabezas desde 20.267 de la semana previa pero todavía superior a la de igual semana previa cuando se habían faenado 19.485 cabezas.

Más firme que el ganado gordo se presenta el mercado de reposición. La exportación en pie influye en esa firmeza, incluso con alguna suba del precio de los terneros que afecta el negocio de los invernadores locales. Un consignatario informó que los encierros ante la falta de terneros pesados están buscando vaquillonas, algo que dinamizó las últimas ventas de terneras por pantalla.

pasturas y posiblemente el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca oficialice la intención de poner un marco a la comercialización que ya ha comunicado a las gremiales. Por otro lado se mirará con especial atención si continúa el ajuste de los precios en vísperas de la Expo Prado.

Mientras en la carne vacuna las miradas son de recelo, en la carne ovina se espera que EEUU dé la gran noticia al acercarse el final de los períodos de comentario respecto al ingreso de la carne con hueso de

### Vuelven fricciones entre ganaderos e industria

Agosto 26, 2016 Ahora interviene Aguerre procurando poner tope al dressing

La limpieza de la res genera desconfianza en la cadena cárnica

La relación entre los productores ganaderos y los frigoríficos no pasa por el mejor momento y volvió esta semana al tapete luego de la reunión entre el ministro de Ganadería, Tabaré Aguerre, y la Asociación Rural del Uruguay (ARU), donde se habló sobre la forma de pago de las haciendas gordas.





Una muestra de las desavenencias entre industriales y productores fue la confirmación de que el tradicional Concurso de Novillos, Vaquillonas y Corderos que organiza la ARU no encontró este año una planta interesada y no se realizará.

Fuentes de la industria frigorífica consultadas por El Observador Agropecuario no vieron claridad en la idea que impulsa Aguerre de fijar un tope a los porcentajes de dressing en el proceso de limpieza de la res en la faena industrial y no creen que aporte demasiado en la solución que se procura.

A nivel de los ganaderos, una fuente de la ARU consideró que la propuesta del ministro apunta a mejorar el precio que recibe el productor, pero también recordó que existe un decreto que no se cumple totalmente por falta de controles.

En igual dirección, el informante industrial sostuvo que existe un decreto que está vigente y lo primero que habría que hacer antes de pensar en otra disposición es determinar si el mismo se está cumpliendo por completo. Sería bueno poner ese decreto en el tapete y entre todos preguntarse si el mismo es suficiente.

Si es suficiente y se piensa en decretos complementarios, que seguramente es lo que plantea el ministro, habría que ver en qué se está fallando. Concretamente, el industrial opinó que lo primero es hacer funcionar lo que ya existe.

No hay duda que hay una falta de confianza o se está partiendo de la base de que hay una posición abusiva por parte de la industria frigorífica. Pero todos esos elementos que intervienen en este proceso están a la vista del productor, si se considera que INAC publica la información de dressing planta por planta. El productor es libre de vender a la planta que elija.

Por otra parte, el porcentaje de dressing no se puede estandarizar, si se tiene en cuenta que los animales son distintos y por lo tanto generan resultados diferentes. Por otra parte se plantea una diferencia entre productores que sostienen que el decreto vigente no se cumple totalmente e industriales que opinan que en un negocio de márgenes muy ajustados nadie se va a arriesgar a apropiarse de una ventaja cuando toda la operativa queda registrada en las "cajas negras" y en los porcentajes de dressing que semanalmente publica INAC.

Precisamente este paso concretado hace dos años fue dado para hacer más transparente la información vinculada a la actividad industrial, donde existe una variabilidad de porcentajes enorme entre los animales enviados a faena. Así el productor tiene la suficiente capacidad para tomar una decisión y tomar medidas con la planta que no le genere confianza y venderle a otra.

### **Aguerre reiteró que no decretará venta de haciendas en tercera balanza**

Agosto 23, 2016 Lo afirmó durante la reunión con dirigentes de la Asociación Rural del Uruguay El ministro Tabaré Aguerre fue recibido por la directiva de la Asociación Rural del Uruguay (ARU)

El ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) reiteró que no habrá de decretar el pago de haciendas en tercera balanza y que se trabaja en otras herramientas que mejoren el sistema. Sus apreciaciones fueron manejadas durante una reunión mantenida con la directiva de la Asociación Rural del Uruguay (ARU) realizada este lunes en la sede de la gremial.

El presidente de la ARU, Ricardo Reilly destacó a El Observador que se trató de una reunión de agenda abierta en la cual se abordaron varios temas. La situación general del sector y su competitividad fue uno de los temas centrales. La compleja realidad que están atravesando tanto la lechería como la agricultura, así como el achicamiento de márgenes de la ganadería.

En cuanto al mercado de haciendas, "al igual que como lo hicimos el año pasado, transmitimos nuevamente la inquietud referente a decretar el pago en tercera balanza, previo al dressing".

El ministro reiteró su posición de que no va a decretar el pago en tercera balanza, aunque destacó que se está trabajando en otros aspectos dentro de la junta del Instituto Nacional de Carnes (INAC), que van en el camino de darle mayor certeza a los productores.

Uno de los puntos es la tipificación electrónica a través de escáner de faena, y otra medida "para la cual nos pidió reserva hasta que se trate en la junta de INAC. Cualquier medida que se tome, será necesario que se fiscalice correctamente por parte de INAC para hacerla cumplir".

El problema de las jaurías de perros que hoy están diezmando a las majadas, fue otra preocupación planteada. La situación se agrava día a día. El ministro comentó que se está trabajando en una propuesta, apuntando a identificar los perros con trazabilidad. Se comenzará por Artigas y Salto donde hay problemas de Leishmaniasis. El gran problema son aquellos perros de los cuales nadie se hace responsable, que no tienen dueño. Pero se deberá proceder de forma urgente, porque es un problema grave.

En cuanto a la Ley de Abigeato, mostró su conformidad ya que fue aprobada con casi todos sus planteos. Ahora resta esperar que se cumpla y se aplique el endurecimiento de penas, dijo Reilly.

El tipo de cambio es otra de las variables que hoy preocupan al sector, ya que está pegando de forma directa en la competitividad, más un cuando tenemos una estructura de costos rígida que se hace difícil de diluir, dijo el titular de la ARU.



### **El ministro Aguerre planteará topear el dressing en frigoríficos**

Agosto 25, El tema será tratado en la próxima reunión del Instituto Nacional de Carnes

Este año no se encontró planta interesada para realizar el tradicional Concurso de Novillos

El ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Tabaré Aguerre, propondrá poner un tope al porcentaje de dressing o limpieza de la res que efectúan los frigoríficos en la faena de las haciendas, según lo manejó en la visita que realizó el lunes pasado la Asociación Rural del Uruguay (ARU), donde reiteró que se opone a decretar el pago en la tercera balanza, antes del dressing.

El tema será considerado el próximo lunes por la Junta Directiva del Instituto Nacional de Carnes (INAC) que, además de los representantes del Poder Ejecutivo, está integrada por los delegados de los ganaderos y de la industria frigorífica, confirmaron fuentes de la ARU a El Observador.

Se trata de una de las posibilidades que maneja el ministro en su idea de mejorar las condiciones de comercialización de los ganados que se destinan para la faena.

Al manejarse otras alternativas se tiene en cuenta que ya existen normas que no se cumplen a pleno por la falta de buenos controles, como por ejemplo que no se puede extraer la entraña y que se debe sacar determinada cantidad de grasa en la parte posterior del cogote, explicó la fuente.

Se entiende que poner un tope al porcentaje de dressing, es una forma de defender al productor

Agregó que se entiende que tanto la aplicación de un tope al porcentaje de dressing, como el cumplimiento estricto de la normativa vigente, estarán mejorando el rendimiento de la res, que en definitiva es lo que se le paga al ganadero.

Para los productores, la mejor herramienta es vender en la tercera balanza, como lo destacó el presidente de ARU, Ricardo Reilly a El Observador luego de la reunión con el ministro Aguerre, en tanto que una opinión similar manifestó ayer el presidente de la Federación Rural (FR), Jorge Riani, al programa Tiempo de Cambio de Radio Rural. Agregó que la tercera balanza del frigorífico, que es la etapa previa al dressing, es lo más sano para una cadena de la carne que no termina de consolidarse y cuyos eslabones están a "contrapunto".

Apoyo de la Federación Rural

El presidente de la FR puso como ejemplo lo observado en un viaje a EEUU, donde el frigorífico brasileño JBS faena 5.000 reses por día y paga al productor en la tercera balanza. La calidad se mide en esta caso en la décimotercera costilla, haciéndole un corte transversal y se escanea el área de ojo de bife, que tiene una relación estrecha con la calidad de la media res. El dirigente entendió que también se podría hacer en Uruguay.

Riani también se mostró complacido que el ministro haya tomado esa posición en relación al dressing, porque no puede ser que hay una variabilidad de la limpieza de la res de 2% a 10%. "Una persona con un cuchillo saca lo que se le ocurre, lo tira en un cajón que luego se vende, pero donde los productores no participan de esa parte del negocio", acotó.

Si bien el ministro rechazó la idea de la venta en la tercera balanza industrial, el hecho de que se pueda establecer un dressing fijo "es plantear el tema de otra manera, con mayor objetividad", dijo el titular de la FR.

Suspendieron el Concurso de Novillos

El Concurso de Novillos, Vaquillonas y Corderos que anualmente organiza la Asociación Rural del Uruguay (ARU) fue suspendido este año al no encontrarse una planta industrial interesada en organizar la etapa pos mortem del certamen, confirmó a El Observador el jefe de Exposiciones de ARU, Mario Grandal. El presidente de la Federación Rural (FR), Jorge Riani, dijo que esta situación refleja el desencuentro entre productores e industriales.

### **La faena es alta y frigoríficos presionan precios hacia abajo**

Agosto 23, 2016 Por novillos ofrecen US\$ 3,10 el kilo a la carne y por vacas US\$ 2,80

Estiman que la demanda kosher será determinante en el mercado

Durante la semana pasada, del domingo 14 al sábado 20 de agosto, se faenaron en Uruguay 43.618 vacunos, 53% fueron novillos y 46% vacas, según datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

En este marco, la industria frigorífica, que compró esos novillos a US\$ 3,20 por kilo en cuarta balanza y más, está operando con cautela, tratando de enfriar la demanda y estabilizar o incluso bajar los precios.

No son todas las industrias las que pasan precios por haciendas gordas en este momento, pero las que lo hacen proponen US\$ 3,10 por kilo de novillo y US\$ 2,80 para las vacas en cuarta balanza, según informó a El Observador el presidente de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG), Sebastián Blanco.

En este marco, son varios los compradores de haciendas de las diferentes industrias que están orejeando las cartas, esperando ver qué pasa con el mercado.

El alto volumen de faena se explica por los ganados de corrales de engorde, varios de ellos terminados por las propias industrias frigoríficas.



Mientras tanto, a nivel de productores, está empezando a aparecer oferta de ganado gordo preparado en mejoramientos, verdeos o praderas, pero esos productores pretenden mayores precios que los que está ofreciendo la industria por estos días.

Blanco señaló que esos ganados de verdeos son de buena terminación, y que la oferta de novillos y de vacas es pareja en volumen.

El presidente de los consignatarios consideró que los frigoríficos seguirán presionando el precio hacia abajo, pero que lo logren o no dependerán de la demanda que tengan, sobre todo de los equipos que realizan faenas bajo el rito judío kosher.

En caso que los rabinos se retiren momentáneamente de la actividad, al haber alcanzado el volumen de carne que necesitan para abastecer su demanda, el volumen de faena podría disminuir y probablemente los frigoríficos logren su objetivo de al menos estabilizar los precios de los ganados gordos.

En este marco, y ante la inconformidad de los invernadores con los precios que propone la industria, hay quienes tienen posibilidades de esperar una eventual suba, y otros con más urgencias económicas que deberán ceder en la pulseada.

En materia de disponibilidad forrajera, los campos están con buena oferta y en ese sentido no habría problemas para retener ese ganado gordo a la espera de una mejora de los precios.

Las tres plantas industriales que más ganado faenaron durante la semana pasada fueron Breeders & Packers Uruguay SA, con 3.544 cabezas; Frigorífico Tacuarembó SA, con 3.536 animales; y PUL SA, que procesó 2.925 vacunos.

En lo que va del mes de agosto se faenaron 131.389 vacunos, 51,6% fueron novillos y 46,7% vacas; y considerando lo procesado en lo que va de este año, se alcanzó la cifra de 1.393.079 cabezas, 47,1% novillos y 50,7% vacas.

### **Carne Angus busca crecer más dentro de la Cuota 481 Uno de cada cuatro novillos que aporta al cupo es uruguayo.**

23/08/2016 - Explotando la ventaja que representa que el 80% de la faena está compuesta por razas británicas y sus cruces, Uruguay apuesta a tener un mayor crecimiento en la participación de la cuota cárnica de alta calidad de la Unión Europea, conocida como Cuota 481.

El cupo está destinado a carne de animales jóvenes cuyos últimos 100 días previos a la faena hayan sido alimentados con una dieta basada en granos. “Uno de cada cuatro novillos que ingresan a la Cuota 481 procede de Uruguay y están representando el 25% de participación en el mercado. En ese marco, la carne Angus tiene mucho para aportar”, aseguró el presidente de Carne Angus Uruguay, Mauricio Rodríguez.

El especialista aseguró ayer a El País, en el marco del Seminario con el que Fucrea celebra sus 50 años de vida, que Carne Angus Uruguay “está trabajando con gran parte de la industria frigorífica certificando corrales de engorde para la Cuota 481” y aseguró que el producto “es un gran éxito porque los clientes lo piden cada vez más”.

El proyecto en el que está embarcado Rodríguez cuenta con el aval de la Sociedad de Criadores de Aberdeen Angus y entre sus principales desafíos está “el producir mayor volumen”, pero ya no sólo pensando en la exportación, sino también “apostando a marcar mayor presencia dentro del mercado interno, con una visibilidad mayor, para capturar nichos de alto valor, que en una ganadería tan competitiva en materia de productos, cada vez representa un desafío mayor”.

Tras haber participado recientemente en el Tercer Congreso Brasileño de Angus, Rodríguez destacó que la carne Angus certificada “está teniendo un crecimiento muy fuerte”. En Estados Unidos ese crecimiento “está consolidado desde hace muchos años, porque es sinónimo de carne de calidad, de consistencia y repetibilidad desde el punto de vista del consumidor, que es lo más importante. Lógicamente es por eso que obtiene un precio diferencial en toda la cadena”.

El presidente de Carne Angus recordó que Uruguay es un país privilegiado, porque la mayor parte de la faena está solventada con razas bovinas británicas, pero esa no es la misma realidad del mundo, donde las razas bovinas de origen índico —léase cebuinas— tienen una participación importante. “Para Uruguay, eso genera un diferencial importante en calidad de carne cuando se trabaja con razas británicas y en particular, el Angus en la raza líder en materia de calidad de carne”, afirmó Rodríguez, que también fue presidente de Fucrea.

Desde hace varios años la cadena cárnica uruguaya viene apostando a la certificación de procesos productivos y también de los atributos que marquen una diferenciación de las carnes uruguayas frente a las que producen otros competidores del mercado mundial y en ese sentido, la carne con marca juega un rol fundamental. Todavía queda un largo camino por recorrer y existen posibilidades de continuar valorizando el producto a futuro.





### **Empresas exportadoras de ganado en pie han comprado cerca de 80.000 cabezas**

22 de agosto de 2016 La exportación en pie estuvo comprando activamente para completar los barcos con destino a Turquía, Egipto y Líbano. Fuentes consultadas por Conexión Agropecuario revelaron que aproximadamente 60.000 cabezas se enviarán a Turquía.

Escoltix concretó la venta de 6.000 cabezas a El Líbano de diferentes categorías, terneros, vaquillonas y novillos gordos y toros. La última venta de ganado en pie a ese país fue de 1.300 cabezas en el año 2015. Este negocio se concretó cuando el precio del gordo estaba deprimido en Uruguay y permitió pagar 5 a 10 centavos más que el promedio. Con la suba de la reposición es imposible continuar con este mercado porque "el negocio es muy ajustado", informaron de Escoltix.

Según comentaron desde la empresa, se está buscando ampliar el mercado de exportación de ganado en pie, que está direccionado fundamentalmente a Turquía. Esto se debe a los cambios en las exigencias desde ese mercado, que incluye el depósito previo como garantía del 3% del valor CIF de la mercadería vendida. Además, agregaron, se quiere depender excesivamente de un solo destino.

Turquía bajó 50 centavos por kilo el precio de compra y el negocio se sostiene porque los fletes bajaron el precio a la mitad.

El line up del puerto de Montevideo tiene nominados dos barcos de ganado en pie. Uno para el 21 de agosto con 5.800 animales y otro el 28 de agosto, or 8.000 animales, con destino a El Líbano.

### **Turquía paga US\$ 0,50 menos por kilo de ternero en pie**

Agosto 25, 2016 Sin embargo la poca oferta y la alta demanda hace que los precios de la categoría suban en el mercado interno

Durante estos días se concretan varios embarques hacia Turquía y Líbano

Tras intervenir en el mercado de la importación de ganados en pie con el objetivo de bajar el precio de la carne en el mercado interno, el gobierno turco le subió el arancel de 15% a 60% al sector privado, y luego realizó una licitación de compra de esa mercadería, que en Sudamérica fue adjudicada a la empresa Gladenur.

Pero luego la demanda fue mayor al volumen licitado, por lo que el sector privado volvió a demandar la mercadería, y ahora son varias las empresas que están enviando ganado a ese país.

Pero la contratara es el precio, que cayó US\$ 0,50 por kilo respecto al que se pagaba hace unos meses, algo que le complicó el negocio a las empresas exportadoras, ya que ante una menor oferta y mayor demanda en el mercado interno, los precios subieron. Por lo tanto, tienen que comprar la mercadería más cara y venderla más barata, lo que achicó considerablemente el margen del negocio.

"En la compra de las haciendas no se pueden recortar costos y hay que recortarlos en el precio del flete, que antes valía US\$ 1 por kilo y ahora se paga US\$ 0,40 por kilo, lo que le complicó mucho la rentabilidad a las empresas fleteras, que siguen en actividad para mover los barcos, pero el negocio dejó de ser rentable", explicó a El Observador el exportador Rodrigo González, principal de la firma Escoltix.

En estos días están concretando embarques de ganado a Turquía las empresas Gladenur, Olkany y Herbal Paradise, totalizando unas 40 mil reses.

Exportación a Líbano

González señaló que el mercado turco es muy variable y no permite planificar negocios con tiempo y tranquilidad. Agregó que el mercado de Egipto está trancado, y por lo tanto hay muy pocos mercados alternativos a Turquía.

Uno de ellos es Líbano, a donde Escoltix envió 4.911 cabezas este jueves 25. Se trata de de vaquillonas, novillos gordos y toritos, en una proporción similar entre las tres categorías.

Cabe recordar que desde que se generaron los problemas con Turquía, Escoltix fue la primera empresa que envió ganado a un mercado diferente. Pero el empresario explicó que Líbano es muy diferente a Turquía, primero porque demanda animales diferentes, ya que prefiere reses para faena inmediata y además sus precios son inferiores.

Comentó que es posible realizar este tipo de negocios cuando el precio del ganado gordo en Uruguay baja, como ocurrió hace dos meses. "Mientras haya alguna brecha entre el precio del ganado en el mercado interno y el precio de exportación, haremos estos negocios", dijo.

González confirmó que Líbano demanda machos enteros, aunque en esta ocasión se enviaron castrados porque no se conseguían toritos de 350 kilos en el mercado local, una mercadería que se podía pagar bien.

"Pudimos conseguir unos pocos toritos de 400 kilos, que se pagaron US\$ 1,80 por kilo, mientras que en el mercado local valen US\$ 1,20", comentó.

El barco que utiliza Escoltix para exportar ganado volverá a Uruguay en octubre; y la empresa se tomará el mes de setiembre para analizar y definir hacia dónde enviará 5.000 animales que ya tiene comprados y encerrados.



## PARAGUAY

### **Paraguay: ajustados valores retraen los envíos de carne bovina a Rusia**

22/08/2016 Exportadores apuestan a concretar negocios por valores superiores.

La Nación – Paraguay | La recuperación del mercado ruso quedó en un período de estancamiento, ya que hay una fuerte presión por parte de los importadores por ajustar los valores de compra, según reportes internacionales y testimonios del medio local.

Faxcarne, medio uruguayo especializado en mercados ganaderos, comunicó que el mercado ruso dejó atrás la firmeza de los valores y ahora están pasando precios inferiores, lo que causa una retracción en las cargas, según el informe divulgado por la comisión de carne de la Asociación Rural del Paraguay (ARP).

Esta situación se une a la merma de oferta de materia prima que actualmente padecen los frigoríficos, lo que de alguna medida también disminuye la capacidad de embarques al destino ruso, según explicaron representantes de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC). Se están dificultando los contratos con los diferentes mercados con mayor volumen, entre ellos Rusia, explicaron.

Precios. En las últimas negociaciones se produjo una intención por parte de los exportadores locales de alzar los precios de ventas al mercado ruso; sin embargo, estas pretensiones no prosperaron porque los importadores rusos se mostraron muy cautos.

Según las estadísticas del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), el promedio de precios de exportación de carne al mercado ruso en los primeros siete meses del año fue de US\$ 2793 la tonelada, lo que representa una depreciación del 16,5% con relación a los valores del año pasado, que estaban en torno a los US\$ 3.299 la tonelada.

En el mes de junio, el precio promedio de exportación de carne a Rusia había registrado su cuarto mes consecutivo en alzas, con un promedio de US\$ 3.034 la tonelada; sin embargo, los valores cayeron a razón del 1,5% en el mes de julio, situándose en una media de US\$ 2.987 la tonelada.

Entre enero y julio de este año se exportaron 37.837 toneladas de carne a Rusia por un valor de US\$ 105,7 millones. El mercado ruso es el segundo mayor comprador del producto local en lo que va del año.

### **Carne paraguaya en hoteles y restaurantes de Suiza**

25 de Agosto de 2016 El próximo 2 de setiembre se realizará el envío del primer embarque de carne premium, de la marca Ferhheim, destinado a una cadena de hoteles y restaurantes de Suiza, informó ayer Korn Pauls, directivo del frigorífico Frigochaco.

El acto de partida del producto diferenciado hacia dicho mercado será a las 11:00, en la planta industrial de la Cooperativa colonizadora multiactiva Fernheim, en la compañía Salado, de Limpio.

Pauls explicó que la carne a exportar proviene de animales seleccionados según los parámetros establecidos por el cliente, con tipo de raza, pesos mínimo y máximo, entre otras exigencias.

En otro orden de cosas, Pauls, en su calidad de presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, informó también que los mercados de la carne están estables, con una demanda normal pero con mejores precios. Agregó, sin embargo, que aumentó la demanda de UE, pero se tropieza con la limitante de que solo el 10% de la producción está dentro del sistema de trazabilidad exigido por el primer mundo.

## UNIÓN EUROPEA

### **Panel de la OMC falló a favor de la UE en su queja por las trabas de RUSIA a las importaciones de porcinos y carnes porcinas**

Brussels, 19 August 2016

A World Trade Organisation (WTO) panel today declared illegal the Russian import ban on live pigs, fresh pork and other pig products from the EU in the light of international trade rules.

The ruling concerns a ban imposed by Russia in early 2014 because of a limited number of cases of African Swine Fever (ASF) in areas in the EU close to the border with Belarus.

The panel acknowledged that Russia's refusal to accept imports of certain EU products and to adapt EU-Russia import certificates accordingly amounts to an EU-wide import ban. This measure is not based on the relevant international standards and violates the rules of the WTO Agreement on the Application of Sanitary and Phytosanitary Measures (the SPS Agreement). Individual Russian bans on imports from Poland, Lithuania, and Estonia received the same criticism from the panel.

The ruling sends a strong signal to Russia, and all WTO Members, as regards their obligation to respect international standards, in particular, in this case, the principle of regionalisation (which would allow trade from individual areas of a country which are recognised as pest or disease-free, even if the health status in the rest of the country is not favourable) and the requirement to conduct a risk assessment based on scientific evidence. The panel underlined that WTO Members can exercise their right to determine their



appropriate levels of sanitary protection and to restrict imports accordingly on the basis of sanitary concerns only when this is done in line with WTO rules.

The EU has one of the world's most efficient animal health and food safety systems, including high detection levels and stringent risk management rules. Today's ruling confirms that the measures taken by Russia against the EU have little to do with any real sanitary or health risks. EU products are safe and there is thus no need for any country to maintain unjustified import restrictions.

For most of the products dealt with in this case, trade continues to be restricted by a politically motivated ban imposed on EU agri-food products by Russia in August 2014. Nevertheless, the panel's findings are of systemic importance, since they remind Russia about its international obligations and the fact that these cannot be arbitrarily ignored.

The EU will continue to use WTO procedures to ensure that international trade rules are effectively respected. Indeed, the WTO dispute settlement remains the strongest option to tackle significant trade barriers and to thus increase legal certainty and predictability for trade.

Russia's protectionist attitude affects a wide variety of other economic sectors. In the recent past, the EU has initiated WTO procedures on a number of trade barriers imposed by Russia, including recycling fees on cars, excess duties on paper and other products, and antidumping duties on light commercial vehicles.

The panel report can be appealed within 60 days. If no appeal is filed within that deadline, the report will be adopted and Russia will be bound to comply with the recommendation.

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Feedlots: ventas de ganado gordo en EEUU marcaron mínimo de al menos 20 años**

24 de agosto de 2016 | último reporte Cattle On Feed del Departamento de Agricultura de EEUU (USDA) señaló que en julio se comercializaron 1,713 millones de animales gordos, 0,7% menos que en el mismo mes del año pasado. Fue el menor volumen desde que comenzaron las series en 1996, indicó el informe.

Es importante tener en cuenta que un factor que influyó en el resultado fue que este año se contó con dos días menos de faena en EEUU.

Los ingresos a feedlot durante el mes pasado alcanzaron los 1,572 millones de animales y superaron en 1,6% a los del mismo mes de 2015, marcando un máximo para julio desde 2013. A partir de julio la entrada de animales empieza a aumentar, dando paso al período de mayores ingresos, como es agosto-noviembre.

En el número de entrada, también debe tenerse en consideración que EEUU importó 40 mil vacunos para engorde menos en julio de México y Canadá, comparado al mes del año pasado. Asimismo, "los márgenes de los feedlots empeoraron respecto a junio, los costos de maíz aumentaron un poco, y las pasturas se mantenían con buenas condiciones en general", detalló el informe Daily Livestock Report del jueves 18.

En tanto, al 1 de agosto se contabilizaron 10,165 millones de vacunos en los corrales con capacidad de más de 1.000 animales, 2% menos que un año atrás. Fue el sexto mes con aumentos interanuales en los stocks de vacunos encerrados.

### **Rabobank: el aumento en el consumo de carnes es el más elevado desde los años `70**

22 August 2016 ANALYSIS - The US had a momentous year for animal protein in 2015 with the largest increase in US meat consumption since the food scares of the 1970s, according to a new report from Rabobank.

2015 was unusual not only due to the almost 5 per cent increase in per capita consumption, but also because the growth was reached without the help of beef, which had flat consumption.

Rabobank Report - Meat Consumption

Rabobank said it expects the following:

- US protein production growth of 2.5 per cent per annum through 2018, down from 3 per cent in 2015 - with beef being the largest contributor
- Trade will remain stabilised in 2016
- International markets are not expected to absorb new production growth
- US protein consumption will continue to increase amid lower meat prices
- By 2018, expect a more challenging profit environment across the US meat industry

Consumer Meat Prices Expected to Dip

With the protein supply in the midst of one of the largest increases in US history, Rabobank expects consumers to enjoy a noticeable amount of relief in the form of lower meat prices, especially beef and pork.



Meat prices have more than caught up with the increases in feed costs, and with more beef, pork and chicken supply on the horizon, the question is only to what degree prices will fall in the coming years. According to Rabobank, expect the following:

- US retail meat prices to decline by 14 per cent by 2018, from 2015 levels on a consumption-weighted basis, with beef prices being the major driver
- Beef prices to see the largest deflation at retail at 22 per cent
- Pork prices to decline 7 per cent
- Chicken prices to decline 5 per cent

#### Opportunities in Animal Protein

With US protein production growth looking to continue at a substantial rate of 2.5 per cent per annum, protein exports face numerous challenges and will struggle to keep up with this growth, suggesting an increase in domestic protein disappearance.

- Global meat trade is increasingly competitive
- Exchange rate volatility is a key factor in determining market advantages
- Uncertainty over additional growth opportunity for domestic animal protein after consumption increased in 2015 by 5 per cent
- Producer markets are expected to be positive in 2016 and possibly even in 2017
- By the end of 2018, profits are expected to slide lower

Despite the outlook for more challenging conditions, Rabobank foresees five paths to success for US animal protein companies, which are listed and detailed below. The turning of the cycle will bring with it a number of strategic pressures for further industry consolidation.

## AUSTRALIA

### Leve descenso de los vacunos encerrados

El último sondeo realizado por Meat and Livestock Australia (MLA) indicó un volumen de 911.000 vacunos en feedlots durante el segundo trimestre, 0,4% menos que en el mismo período de 2015 y 8% abajo del pico que se registró a fines de 2015.

MLA señaló que la cantidad de vacunos en corrales se mantiene en niveles record igualmente, 60 mil cabezas arriba del promedio de los últimos cinco años para abril-junio.

Las perspectivas para el resto del año apuntan a que los vacunos en feedlots seguirán bajando. Los precios de la reposición se mantienen potenciados por las lluvias y la competencia para reposición.

### Descenso interanual de la faena en Australia

La faena de vacunos en Australia cayó 18% interanual en el primer semestre en línea con el proceso de recomposición de rodeo en ese país.

En junio la faena fue 23% inferior a igual mes del año anterior, según reportó la oficina estatal de estadísticas. En los primeros seis meses de 2016 fueron a faena 3,8 millones de cabezas, 18% menos que en igual período del año anterior. El mayor ajuste se dio en los animales alimentados pasto con un descenso interanual de la faena de 23%. Para los animales de los feedlots fue de 5% el descenso interanual de la faena. De esta manera, su participación dentro del total subió de 31% a 35%.

Los datos mostraron para el primer semestre una caída de 22% interanual en el número de hembras que fueron a plantas frigoríficas con una baja de 13% para los machos. En la primera mitad del año la participación de las hembras fue del 49% del total, apenas dos puntos por debajo de igual período de 2015 y 2014. El porcentaje de 49% se ve alto teniendo en cuenta el proceso de retención de vientres. Sin embargo, este número está influenciado por el fuerte envío a faena de vacas lecheras en el Sur del país.

En otras regiones -destacó Meat Livestock Australia- las vacas representaron el 41% de la faena total en el primer semestre, guarismo similar al 2011 y 2012 período en que se dio recomposición del stock.

### Aumenta el peso medio de faena en 5 kg por cabeza

25 August 2016 Australian adult cattle carcase weights have continued to increase throughout 2016, with the improvement in seasonal conditions. In June, adult male and female carcase weights averaged 321kg and 250kg/head, respectively, across the country – both up about 5kg/head on year-ago levels and similar to the previous peak in 2012 (ABS).

Carcase weights have risen with improved pasture availability across much of the country; grassfed cattle are being finished to heavier weights, and the absence of drought is reducing the incidence of cattle being turned-off earlier than desired. In addition, as highlighted in the recent Lot feeding brief, the record numbers of cattle on feed at the end of 2015 have been coming through the supply chain over the past six months, supporting the lift in carcase weights.



Given much of the country has stored up good soil moisture in recent months and the Bureau of Meteorology are forecasting a neutral chance of above average spring rainfall in most regions – compared to drought conditions recorded over the last three years – carcase weights will likely remain above year-ago levels for the remainder of 2016. Given slaughter cattle supplies are tight and expected to remain so through 2017, heavier cattle will go some way to mitigating the decline in beef production.

Interestingly, while some comparisons can be made, Australia is yet to record a similar magnitude rise in carcase weights seen in the US in recent years – the result of expensive cattle and cheaper grain. As illustrated in the figure above, Australian carcase weights remain well below their US counterparts – US steers in June were about 70kg carcase weight heavier than those in Australia. While the genetic pool of cattle may not be dissimilar between the two countries, Australia's emphasis on grass based production and a relatively shorter grain feeding regime limit how heavy cattle can be finished to.

### **Exportaciones en 2015/16 retrocedieron en valor pese a su volumen record**

25 August 2016 - Australian beef exports for June 2016 were valued at \$694.26 million FOB, taking the 2015-16 total to \$8.5 billion – the second highest fiscal year on record (ABS).

Despite the volume of Australian beef shipments for 2015-16 (1.2 million tonnes swt) declining 13% year-on-year, as a result of reduced domestic supply and increasing US beef production, the total value decreased to a lesser extent – 6% lower than the record high (\$9.05 billion) the previous year (DAWR).

Lower value frozen beef volumes fell 16% year-on-year, to 861,275 tonnes swt, while chilled volumes decreased 6%, to 309,762 tonnes swt. As a result, the proportion of higher valued chilled beef exports increased from 24% in 2014-15 to 26% in 2015-16.

Supporting Australia's competitive position in the global market and somewhat offsetting the fall in overall beef export volumes was the lower Australian dollar, which averaged 73US¢ for 2015-16, back 13% year-on-year and 24% lower than the five-year average (96US¢).

The beef export unit value (\$/kg) for 2015-16 averaged \$7.09/kg, up 8% from year-ago levels and 36% higher than the five-year average (\$5.20/kg). This rise was predominantly driven by chilled beef unit values which increased considerably (17%) year-on-year, to \$10.69/kg, while frozen unit values lifted marginally (1%) to \$5.82/kg.

For 2015-16, compared to the previous year, the value of Australian beef exports to;

The US was \$2.5 billion, down 23% from 2014-15. Volumes decreased 29% to 335,503 tonnes swt, with frozen product recording the greatest decline. On the other hand, the average export unit value to the US lifted 7%, to \$7.38/kg.

Japan eased 3%, to \$1.8 billion, despite exports dropping 12% year-on-year, with frozen product accounting for the majority of the decline. Helping to offset the lower volumes, the average beef export unit value to Japan lifted 8%, to \$6.86/kg.

Korea lifted 24% year-on-year, to \$1.3 billion, underpinned by an 11% increase in volume and an 8% jump in the average unit value, to \$6.99/kg.

China increased 14% to \$867 million. Export volumes to China increased 3%, to 128,083 tonnes swt, with chilled shipments up 21% to 7,424 tonnes swt, and frozen shipments up 2% to 120,660 tonnes swt. With the growth in higher value chilled exports, the unit value to China averaged \$6.65/kg for 2015-16, up 14% from the 2014-15 average (\$5.81/kg).

Australian beef exports for the remainder of the year are forecast to continue to recede with production, with the 2016 total projected to decline 20% year-on-year, to just over 1 million tonnes swt – although this will still be the fourth highest calendar year volume on record. Despite lower supplies and increased competition the US, the positive rainfall outlook for spring as well as expectations that the A\$ will remain in the low to mid-70¢ range this year, are likely to continue providing support for export returns. Beef shipments are anticipated to contract with production again in 2017, before building back up over 1 million tonnes swt out to 2021.

## **EMPRESARIAS**

### **Fuerte reducción de los beneficios de BRF durante el segundo trimestre de 2016**

22/08/2016 El incremento de los costes de producción junto a una bajada de la demanda interna en Brasil han acabado motivando una reducción en los beneficios de BRF, Brasil Foods, de cerca del 90%. Según la empresa, el beneficio neto fue de 31 millones de reales (8,57 millones de euros) frente a los 364 millones obtenidos en el mismo periodo del pasado año.

La empresa destaca que, por ejemplo, el coste de alimentación animal ha crecido en un 83% para el maíz y un 20% para la soja, respectivamente.





También asegura que el resultado final se ha visto en parte mejorado por los buenos resultados de las exportaciones ya que por esta actividad la empresa ha ingresado 8.500 millones de reales, un 7,6% más ante un incremento tanto en el precio medio (+2,8%) como en la cantidad exportada (+4,6%).

### **Carrefour lanzó en Brasil una plataforma para control de la procedencia de la hacienda**

26/08/16 - por Equipe BeefPoint

Nesta quinta-feira (25), o Grupo Carrefour Brasil lançou sua Plataforma de Pecuária Sustentável. A partir de uma política nacional específica para a compra de carne bovina in natura, a companhia adota um sistema de monitoramento dos processos produtivos e das práticas socioambientais de todos os seus fornecedores no país.

A ferramenta será implantada em parceria com os 22 fornecedores de carne bovina in natura que fornecem à empresa e que deverão atender rigorosamente aos critérios e boas práticas estabelecidas por esta política. A iniciativa reforça o compromisso global do Grupo Carrefour pelo desmatamento zero e seu empenho em manter parcerias que fomentem práticas sustentáveis de produção.

A ferramenta desenvolvida pela AgroTools irá cruzar os dados das plantas produtivas de cada fornecedor do Grupo Carrefour Brasil com critérios públicos para identificar possíveis inconformidades, coibindo que as fazendas produzam carne em áreas de desmatamento ou embargadas, unidades de conservação, terras indígenas ou mesmo com uso de trabalho análogo ao escravo. Com a medida, milhares de fazendas que fornecem para os frigoríficos parceiros do Carrefour e Atacadão passam a ser rigorosamente acompanhadas. A implantação do sistema será feita progressivamente e será concluída até o próximo ano.

Auditorias externas realizarão verificações constantes sobre tudo o que é cadastrado pelos fornecedores na ferramenta e, em caso de descumprimento de pelo menos um dos critérios, a relação comercial será imediatamente suspensa até sua comprovada regularização. Desde o momento em que uma fazenda é cadastrada e passa a ser monitorada, já está suscetível às exigências e sanções determinadas pela política e presentes em contrato.

Todos os biomas brasileiros estão contemplados pela plataforma, sendo que o monitoramento do desmatamento será concentrado na região Amazônica, que reúne 28 plantas produtivas que trabalham em parceria com fornecedores do Carrefour e Atacadão.

A construção da campanha para comunicar os consumidores sobre este processo de monitoramento da carne se inicia no próprio evento de lançamento da nova plataforma. Na ocasião, os cerca de 100 convidados participam de pesquisa qualitativa sobre a melhor forma de informar o consumidor sobre os atributos da pecuária sustentável. O resultado será debatido com as principais ONGs ligadas ao tema, resultando em um direcionamento único para a comunicação que será implementada nas lojas da companhia entre 2016 e 2017.

Sobre os critérios adotados pelo protocolo de controle da pecuária:

- Desmatamento: critério espacial do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (Prodes), divulgado anualmente pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que monitora os desmatamentos na Amazônia Legal via satélite;
- Áreas embargadas: lista atualizada diariamente com as áreas embargadas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) devido à prática de atividades ilegais;
- Unidades de conservação: critério espacial disponibilizado periodicamente pelo Ministério do Meio Ambiente em conjunto com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que indica a localização exata e limites territoriais das unidades de conservação;
- Terras Indígenas: critério espacial disponibilizado periodicamente pela Fundação Nacional do Índio (Funai), que indica a localização exata e limites territoriais das áreas indígenas protegidas por lei;
- Trabalho escravo: 'Cadastro de Empregadores', baseado na 'Lista Suja do Trabalho Escravo' fornecida pelo Instituto Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo (InPACTO), onde consta a relação de empresas que tenham submetido trabalhadores a condições análogas à escravidão entre abril de 2014 e abril de 2016.